

Ano XXXIX - N.º 04

Revista Mensal

2,50 €

Abril 2023

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO



As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje...

Gaudium et Spes, 1965



MENSAGEIRO de SANTO ANTÓNIO

Abril 2023 | N° 04 | Ano XXXIX



CAPA

79º aniversário do massacre da Fosse Ardeatine, pelas tropas alemãs durante a II Guerra Mundial. Foto 23 mar 2023 EPA/ Angelo Carconi..

EDITORIAL

Páscoa:
Irradiar o dom recebido
Frei Severino Centomo

HOMEM E SOCIEDADE

4 Santos, jovens e santidade

Pier Giorgio Frassati
Fabrizio Bordin

6 Mundivivências

Pode uma abelha ver a face de Deus??
Miguel Panão

8 Páscoa

A transgressão da lei da morte
Manuel António Ribeiro

10 Cotidianos e Orquídeas

Ensinar a olhar
Aprender a voar
Joana Cavalcanti

12 Artes e Letras

Livros

Oh noite que guiaste!
Rui Vasconcelos

Cinema

A Via Sacra de um Burro
Manuel Monteiro Mendes

14 Publicação Obrigatória

Demonstração de Resultados
Estatuto Editorial

ESPECIAL

15 Incertezas e sinais de esperança na casa comum

Rita Veiga (Coord
Luís Mah, Marisa Temporão,
Humberto Martins

IGREJA A CAMINHO

23 Ponto e contraponto

10 anos
de pontificado
Idalino Simões

26 Traços de uma Presença

Ler os sinais dos tempos
Juan Ambrosio

38 Além do sofá

Inteligência Artificial
ou Burrice Natural
Inês Santos, Gonçalo Oliveira

PÁGINAS ANTONIANAS

30 Coragem, levanta-te!

Vence o medo
Tenho medo de ti
Simone Olianti
Elisabetta Benfatto

33 Memória e Tradição

O santo dos
objetos perdidos
Pedro Teotónio Pereira

34 António, hoje

Traição e Perdão
Pedro Teotónio Pereira



CONTRACAPA

Vexilla Regis
Os estandartes do Rei
Cristo crucificado,
sacristia da Igreja do
antigo Convento de
Órgens, Viseu.
Foto MSA 2022 .

DIRETOR

Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)

Diretor-adjunto

Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)

Administrador

Frei Fabrizio Bordin

Redação

Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor

ACMSA - Associação Cultural
Mensageiro de Santo António,
entidade sem fins lucrativos
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:

segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

Telef: 239 097 984 | 914 272 744

Correio eletrónico

assinantes@santoantonio.live

Preço da assinatura anual

Digital:	22 €
Devoto / Portugal:	22 €
Amigo:	50 €
Benfeitor:	100 €
Europa:	40 €
Fora da Europa:	75 €

Preço avulso: 2,50 €

Números atrasados: 3,50 €

Referência Multibanco

Ver no talão da revista

NIB da ACMSA

001000004251041000159

IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4470-116 MAIA

Número de Registo: 113.612

Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>

Edição digital

<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior

2000 exemplares



Associado

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012

Páscoa: irradiar o dom recebido

A Páscoa deste ano calha num período difícil e complicado que envolve todo o mundo. Graves problemas pairam sobre a humanidade: guerras, desastres ambientais, poluição, injustiças sociais, novas escravaturas, migrações de povos..., problemas que parecem não ter solução. Neste contexto, não é fácil falar de esperança e de alegria, nem “sonhar” uma humanidade nova, reconciliada e solidária. Então, que fazer?

Quando Jesus morreu e foi sepultado, os discípulos fecharam-se em casa onde tinham celebrado a ceia pascal com Jesus e ali ficaram, presos pelo medo e bloqueados pelo futuro incógnito. Pairava uma tentação: regressar à Galileia e voltar para a vida anterior. As aparições de Jesus serviram para eles entenderem que a sua vida tinha entrado numa nova dimensão. Os discípulos deviam, sim, regressar à Galileia, não para continuar a vida de antes, mas para dar início uma vida nova. E como? Anunciando a Boa Notícia, tecendo novas relações e vivendo em comunhão fraterna sempre com a presença ativa do Espírito que lhes tinha sido doado.

A Igreja, hoje, particularmente no ocidente, debate-se com uma série de problemas: abandono de fiéis, igrejas desertas, clero afetado pelo escândalo dos abusos sexuais, clericalismo e tentativas de regresso ao passado, que a tornam objeto de rejeição e de crítica violenta. Está a viver uma “sexta-feira santa”, ou seja, um período

de vida, marcado pela tristeza e pelo desânimo.

Porém, não devemos esquecer que a Páscoa do Senhor compreende todo o Santo Tríduo, que vai desde a Ceia de Jesus, passando pela sua imolação na Cruz e entrando no túmulo da morte, até ao retirar da pedra para dar largas à Vida Nova!

A fé cristã nasce, não de imaginações interiores, pessoais ou coletivas, mas de uma experiência concreta oferecida como dom pelo Senhor ressuscitado aos seus discípulos. A missão de que investiu e continua a investir os que acreditam na Sua Ressurreição é ir por todo o mundo, não para fazer proselitismo e aumentar o número dos batizados, mas para irradiar alegre e gratuitamente o dom recebido.

Anúncio de Santa e feliz Páscoa! 



EDITORIAL

Frei Severino
Centomo



*Ressurreição
de Cristo,*

*Prospero Fontana,
1563-65 ca.*

*Foto Saiko, Fundação
Tiziana Sassoli.*

*Commons
Wikimedia.*

Frei Fabrizio
Bordin



Pier Giorgio Frassati

O Papa Francisco, num encontro com o instituto religioso fundado em 1873 por São Leonardo Murialdo para a assistência aos jovens operários em Turim, comentava:

Este tempo faz-me pensar tanto, ali, no “fogo”, no centro da maçonaria, em Turim, no Piemonte, muitos santos, muitos! ... neste duro contexto, marcado por tanta pobreza moral, cultural e económica... (17.03.2023).

Os mais famosos foram João Bosco, José Cafasso, José Bento Cottolengo, Francisco Faà de Bruno, os esposos Júlia Colbert e Carlo Trancredi e Leonardo Murialdo. Nesta onda não podemos deixar de fora o jovem Pier Giorgio Frassati, nascido em Turim a 6 de Abril de 1901, e que faz parte dos 13 patronos da JMJ de Lisboa.



O Papa João Paulo II apresentou-o como o jovem das oito bem-aventuranças, portador da graça do Evangelho e da alegria da salvação.

Filho de Alfredo Frassati, agnóstico, senador e embaixador da Itália em Berlim, fundador do jornal *La Stampa*, e de Adelaide Amétis, pintora e avessa a qualquer forma de devoção excessiva, Pier Giorgio cresce numa família abastada e aristocrática, onde a única pessoa da sua casa que rezava era a avó.

Bem cedo começa a sentir atração pela oração e pelo serviço aos pobres. Tinha apenas quatro anos quando ao ver uma mulher a chorar com o filho ao colo, tirou os seus sapatos e entregou-os à senhora. Não suportava ver a miséria que havia à sua volta, na cidade operária de Turim. Aplicava-se em pequenos trabalhos para ganhar dinheiro e distribuí-lo aos pobres. Recuperava papel prateado, selos para os missionários e economizava os bilhetes do teleférico da cidade.

Ainda adolescente, ia à Missa e rezava com assiduidade. Amava ler a Bíblia, sobretudo o Evangelho de Mateus e as epístolas de Paulo. Um dia em que estava a ler no elétrico alguém perguntou o que havia de tão interessante naquele livro. “Palavras de vida eterna”, respondeu.

Os pais deram-se conta da sua atração pela fé católica. A mãe tinha o terror de que um dia chegasse a casa com a ideia de se tornar padre. O pai, mais pragmático, foi ter com o pároco para o questionar: “Que fizeram com o meu filho?”. O seu sonho era que se tornasse diretor do jornal *La Stampa*. Só os amigos que frequentava sabiam reconhecer-lhe qualidades excepcionais, como a prontidão no serviço, a generosidade, a proximidade com os mais pobres, a alegria e simplicidade.

Aos 17 anos ingressa na Conferência de São Vicente de Paulo de Turim, entregando-se ao serviço dos pobres na periferia da cidade. Encontra situações de famílias divididas, filhos ilegítimos, homens que tinham problemas com a justiça.

Entre 1918 e 1922, vive na Alemanha, em Berlim, na embaixada de Itália. Como toda a família, era profundamente anti-fascista, chegando a envolver-se em confrontos físicos com adeptos do Partido Social Fascista. Quando Mussolini assumiu o poder, em 1922, o seu pai demitiu-se de embaixador e regressou a Itália com a família. Pier ingressa no Partido Po-



pular Italiano, defendendo que a caridade já não era suficiente para resolver os problemas sociais. Uma das suas máximas era: “A Caridade não é suficiente: precisamos de reformas sociais”. Foi sócio fundador do jornal *Momento*, baseado no pensamento social da Igreja, que com a encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII, tinha inspirado a juventude daquela época.

O fundamento da fé – dizia – é o amor, sem o qual a religião desmorona, pois não somos verdadeiros católicos quando não conformamos a nossa vida aos dois mandamentos de Cristo que constituem o essencial da fé católica: amar a Deus com todas as forças e ao próximo, quer dizer, a todo homem, como a si mesmo.

Pier Giorgio tinha uma grande paixão pelo desporto, sobretudo o alpinismo. “Aprendeis – dizia – a ser mais fortes na vossa alma do que nos vossos músculos. Se conseguirdes, então sereis verdadeiros apóstolos da fé em Deus”. Gostava de equitação e era o único da família que conseguia montar um cavalo feroz que pertencia ao pai. Amava a vida e agarrou-a com determinação, mas tinha um vício que lhe veio do seio da mãe: fumava tabaco, sobretudo cachimbo. “A minha mãe – dizia – fumava por cima da minha cabeça enquanto eu mamava”.

Na Alemanha, conhecera as condições de trabalho dos mineiros, por isso, ainda estudante de Engenharia Industrial Me-

cânica, pretendia dedicar-se aos mineiros, que via como uma das classes profissionais mais sofredoras no trabalho e nas condições sociais. Contudo, forçado pelo pai, acabou por assumir a administração do jornal, renunciando aos seus projetos.

Outra dolorosa renúncia foi o amor da sua vida: Laura Hidalgo, uma jovem órfã, amante da montanha, estudante de Matemática e que conhecera na Juventude Católica. Conta o seu segredo à irmã, que lhe faz compreender que não pode envolver-se com alguém de uma classe inferior: seria um escândalo para a família.

A sua irmã vê-o diferente, magro, consumido por um desgosto secreto, mas em casa as atenções recaem sobre a avó, cuja saúde vai piorando até falecer. Ninguém entende a sua ausência no dia do funeral. Pouco depois os familiares apercebem-se de que a sua dor não era fingida. Tratava-se de uma poliomielite fulminante, que em menos de uma semana findou a vida luminosa de Pier Giorgio Frassati. Morre três dias depois da sua avó, a 4 de julho de 1925.

A notícia corre rapidamente em Turim. Uma multidão numerosa ocorre a sua casa: pessoas do povo, pessoas simples, artesãos, mães com os filhos. A Igreja tornou-se pequena, a praça ficou superlotada de tanta gente que viera prestar homenagem a este jovem de 24 anos.

Momentos antes do último suspiro, pediu à irmã que entregassem umas injeções a uma pessoa pobre que deveria ter visitado e que renovassem a apólice de uma outra. De madrugada, pediu à enfermeira que o ajudasse a fazer o sinal da Cruz. Assim morreu o jovem das oito bem-aventuranças!

Uma vida ao serviço dos outros, feita de oração, Evangelho e estudo, mas também de passeios, encontros com amigos, desporto, escaladas, alturas para alcançar – metáforas todas de uma espiritualidade jovem e laical!

O Papa São João Paulo II beatificou-o a 20 de Maio de 1990, proclamando-o Patrono dos Desportistas. 



Miguel Panão



Se todas as abelhas se extinguissem a catástrofe seria inimaginável.

A Terra Inabitável

Como vai ser a Vida pós-Aquecimento Global

David
Wallace-Wells



Pode uma abelha ver a face de Deus?

Caminhava por um trilho em Vale de Canas (Coimbra) onde se costuma andar de BTT. Mais tarde, voltei por um outro trilho mais largo. Em ambos os trilhos, o som comum era o zumbido grave e potente dos zangões que andavam por toda a parte, talvez à procura das melhores flores para que as abelhas pudessem começar a recolher o pólen primaveril.

Enquanto sorria e parava para observar, veio-me à mente a imagem da capa do livro *A Terra Inabitável*, de David Wallace-Wells com uma abelha morta e isolada. Era a imagem escolhida para ilustrar o subtítulo do livro — “como vai ser a vida pós-aquecimento global”. No mês passado, uma notícia que li sobre a extinção dos insectos fez-me pensar se aquela experiência em Vale de Canas não teria os dias contados.

A população de insectos está a diminuir no Antropoceno, a era geológica em que o ser humano está a alterar a face do planeta. Desde os efeitos das alterações climáticas sobre os ecossistemas, à poluição, urbanização, intensificação da agricultura, insecticidas e desflorestação, o interesse económico revela-se como o vilão que comete o ecocídio de inúmeros insectos.

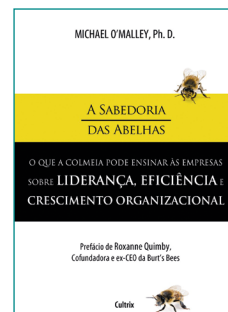
Estes seres repugnantes que pisamos, ou tão pequenos que não notamos, não são objecto habitual do amor das pessoas e ninguém parece estar muito preocupado se desaparecem ou não. Ou, pelo menos, até ao dia em que quiserem mel e não encontrarem nas prateleiras do supermercado.

As abelhas são o exemplo mais famoso de polinizadores que espalham pólen e fertilizam inúmeros ecossistemas terrestres, dando vida e cor às paisagens selvagens que deliciam o nosso olhar durante uma caminhada. Na *Enciclopédia Britannica* encontrei a hipótese de que se todas as abelhas se extinguissem haveria uma alteração profunda nos ecossistemas e, muito provavelmente, outras extinções se seguiriam à das abelhas. A catástrofe seria impensável.



Foto Sander Meertins | Frame-d.nl | sto

As abelhas têm duas notáveis qualidades que as tornam merecedoras de especial atenção: elas comunicam e pensam, coisa que nem todos os humanos estão a conseguir fazer.



Por isso, neste mês de Abril em que celebramos o Dia da Terra (22 de Abril), sendo as abelhas e os insectos em geral os mais pequenos, lembrei-me de uma pergunta, no mínimo, um pouco idiota.

Quando em Mt 25, 45, Jesus diz — “Em verdade vos digo: Sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer” — não estaria, seguramente, a falar apenas de crianças porque a parte anterior refere-se a quem tem fome, sede, é peregrino, está sem roupa ou na prisão, o que abrange muitas outras idades. Porém, também os insectos têm fome, sede, migram e se há coisa que não têm é roupa, logo, a pergunta idiota: será que os “pequeninos” incluem os insectos?

Seguramente que alguns leitores estarão a franzir o sobrolho e a pensar — “Miguel. Ridículo!” — Mas imaginem comigo. Não será que ver Deus no outro e restringir a presença de Deus a seres humanos é uma visão limitada do amor de Deus?

Será que Deus se manifesta apenas em quem tem consciência de si e, por isso, é humano? Não estaremos a “antropomorfizar” a possibilidade de Deus fazer-se presente nos mais pequeninos como os insectos?

No Evangelho de S. João 1, 18, encontramos a intuição de que — “A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer”. — Um rasgo de esperança que poderia abrir a imaginação a vermos Deus nos insectos. Mas, por outro lado, em Jo 14, 9-10, Jesus diz — “Quem me vê, vê o Pai”. — Logo, sendo Jesus verdadeiramente homem, e verdadeiramente Deus, n’Ele vemos o homem e vemos Deus e, talvez, venha daí a impossibilidade de vermos Deus nos insectos, como parte dos pequeninos do Evangelho. Mas o Catecismo da Igreja Católica no n. 339 ensina que — “As diferentes criaturas, queridas pelo seu próprio ser, refletem, cada qual a seu modo, uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus. É por isso que o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura, para evitar o uso desordenado das coisas”. Logo, nos insectos está reflectida a sabedoria e a bondade de Deus.

No livro de Michael O’Malley, *A Sabedoria das Abelhas*, o autor esclarece que — “as abelhas têm duas notáveis qualidades que as tornam merecedoras de especial atenção: elas comunicam e pensam” — coisa que nem todos os humanos estão a conseguir fazer. Cada abelha não tem consciência de si, mas juntas perfazem uma consciência colectiva.

Não faço a mínima ideia se nos momentos de consciência colectiva, as abelhas tratam somente de assuntos da colmeia, ou vislumbam, “pelo seu próprio ser” uma presença do Amor que as leva a dançar. Mas imagino que, se fôssemos realmente imagem de Deus, não poderiam elas olhar para nós e ver a Sua face? 



A transgressão da lei da morte

Manuel António
Ribeiro

Nas maiores obscuridades da vida podem surgir cintilações luminosas que nos animam a caminhar para o futuro com uma mais dilatada largueza do olhar.



A celebração da nossa Páscoa aparece este ano en-sombrada pelos crimes de sinistros abusos, demasiado tempo mantidos encobertos. Embora praticados apenas por alguns dos membros da Igreja, esses escândalos estão a abalar os alicerces da sua credibilidade. Há quem passe a ver a Igreja como um espaço inabitável, há quem a olhe com muitas perguntas e interrogações, há também quem se aproveite para a atacar despudoradamente.

As consequências deste flagelo não se sentem apenas no sofrimento das vítimas diretas dos abusos. São também vítimas os padres em geral, que nada tiveram a ver com esta desgraça, mas que podem passar a ser olhados com o estigma da suspeita.

No meio dos contornos duros desta situação, torna-se urgente ultrapassar o nível das emoções e dos ruídos ampliados pela comunicação social. Os abusos e o seu escondimento pedem uma conversão que seja muito mais do que lamentar profundamente o sucedido.

Para além da reparação dos danos, centrada nas vítimas, é muito importante prospetar novas possibilidades de uma Igreja menos clericalista e avançar para a construção de novos possíveis de sinodalidade.

Na história da Igreja, as suas fraquezas deram também lugar a uma conversão purificadora, que a fez percorrer novos caminhos. Esta triste situação a que assistimos reclama uma mudança daquilo que esteve na sua génese estrutural, solicitando da Igreja o desapego do seu passado de triunfalismo constantiniano, que a fazia estar acima do escrutínio a que hoje se submetem todas as outras instituições da sociedade.

Nas maiores obscuridades da vida podem surgir cintilações luminosas que nos animam a caminhar para o futuro com uma mais dilatada largueza do olhar. Nas situações de fragilidade aprende-se melhor que é a humildade que pode tornar mais verdadeira a relação com os outros e com Deus.

Será uma grande desgraça, se o mar agitado em que agora navega a Igreja a fizer fechar-se dentro de muralhas de defesa, em vez de ela se deixar interpelar pelo que aconteceu. Para um barco que não saiba a que porto quer chegar, os ventos serão sempre contrários.

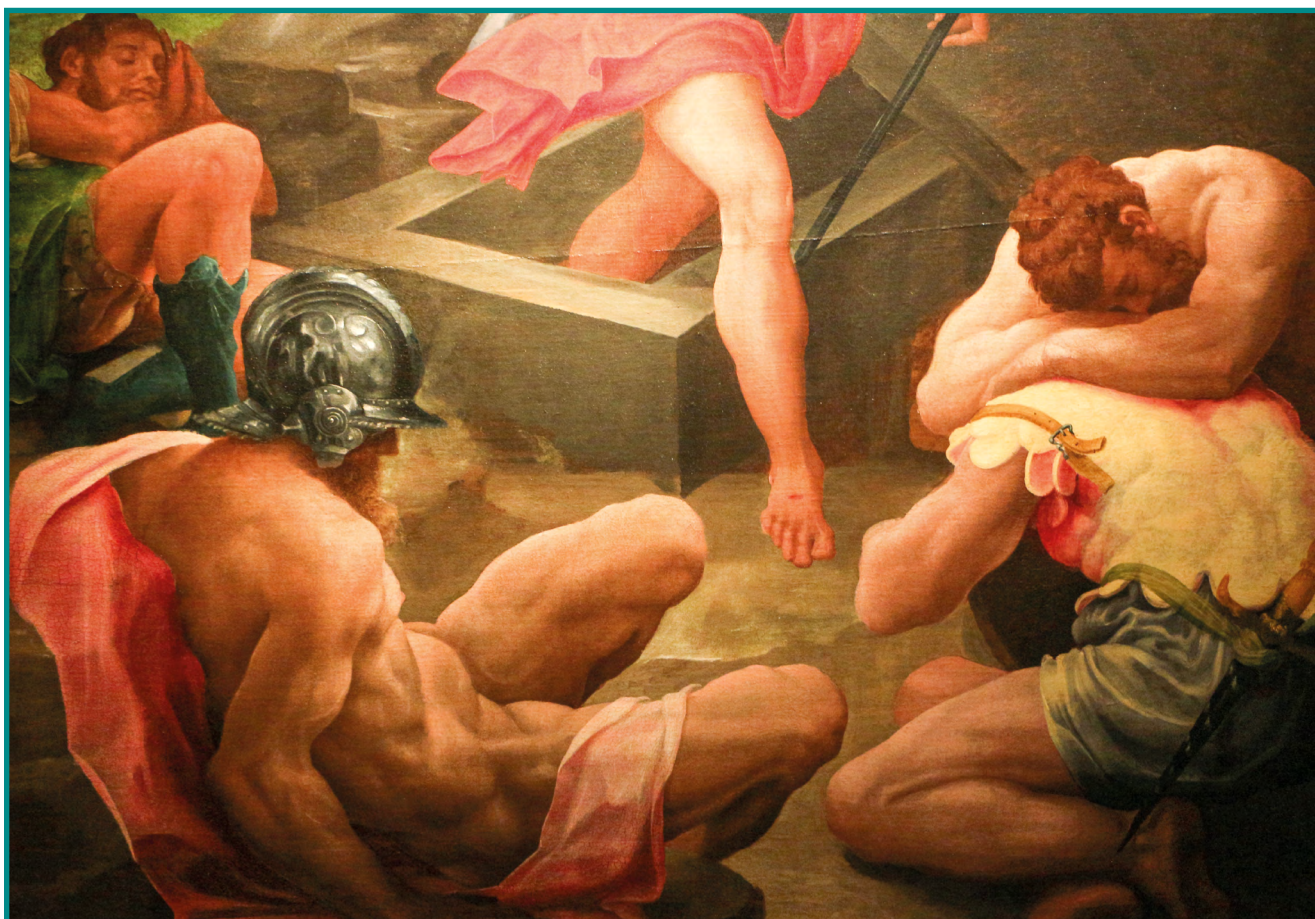
Apesar de todas as interrogações e dúvidas, não desistamos de acreditar que foi da aurora da Páscoa que irradiou um fulgor de vida que nenhuma morte jamais conseguirá definhir.

O nosso Papa convidou-nos no início da Quaresma a “despojar-nos daquilo que nos sobrecarrega para reacender o fogo do Espírito Santo, que habita escondido entre as cinzas da nossa frágil humanidade”. Foi esse fogo luminoso que irradiou da aurora da ressurreição, fazendo com que a espessura da pedra do sepulcro não conseguisse impor a lei da morte. Nenhum sofrimento tem sentido cristão, se for um dolorismo masoquista que se fixa na sexta-feira santa, sem nunca chegar à manhã de Páscoa.

A fé cristã não esconde as feridas da vida, mas ensina-nos a viver com as suas cicatrizes, as quais ajudam a conhecer melhor o que é verdadeiramente a graça. A festa pascal não é uma exultação superficial motivada pelas circunstâncias favoráveis que acontecem na vida, mas uma alegria profunda que nos coloca na rota da vida prolongada na eternidade de Deus.

Para aqueles que acreditam que Cristo ressuscitou também ressuscita a sua esperança criativa. Que a Ressurreição seja celebrada como uma insurreição contra as fatalidades que sepultam a nossa confiança. Saboreemos as festas pascais como quem entra na grande dança do esplendor eterno. **M**

Que a
Ressurreição
seja
celebrada
como uma
insurreição
contra as
fatalidades
que sepultam
a nossa
confiança.



Pormenor da **Ressurreição de Cristo**, Prospero Fontana, 1563-65 ca. | À esquerda quadro completo.

Fotos Saiko, Fundação Tiziana Sassoli. Commons Wikimedia.

Prospero Fontana (1512–1597) foi um pintor de Bolonha, Itália, do final do Renascimento e da arte maneirista.

Joana Cavalcanti



Que tempo têm, hoje, as crianças para “engolir com o olhar” os assombros do mundo? Como olham as realidades com as quais se confrontam todos os dias?



Ensinar a OLHAR, aprender a VOAR

👉 Continuação do número anterior

Ao mesmo tempo que contemplo o mar, as montanhas, as memórias e as mãos da mãe: vejo-a...

(Está a arranjar um lindo ramo de flores que colheu do nosso jardim. Mãos ligeiras que buscam a estética do afaço. Que linda jarra de flores! Tão linda que, também, era desejada pela vizinhança – ela, que era afeto em tudo, ia ao jardim e voltava com outro ramo para a casa da vizinha. Depois, cuidava de mim e da minha irmã, protegia-nos dos assombros e do medo. Ninguém conseguia fazer o leite achocolatado como ela...).

A mãe nos olhava. Mesmo depois que seguimos vida afora, ela nunca deixou de nos olhar – tinha sempre os olhos esticados em nossa direção.

Todas estas memórias surgiram com o abrir desta janela, quase inusitada, mas também porque tenho me preocupado com a forma de como as crianças e os jovens têm sido ensinados a olhar o mundo; qual oportunidade que têm para a contemplação; que tempo têm para “engolir com o olhar” os assombros do mundo; de como olham as realidades com as quais se confrontam todos os dias... Lembro do olhar das minhas crianças, de ontem e de agora, ao verem uma flor, uma borboleta...era e é, sempre, de espanto. De descoberta.

É preciso alimentar estes primeiros olhares de voos, valorizando o espanto por tudo que é simples e natural. O belo nos rodeia de muitas formas e adentra nos nossos sentidos, desde o nosso primeiro abrir de olhos – tendo forma, volume, textura, cheiro, cor, sabor, som e pele. Tudo revestido de palavra, mesmo quando esta não consegue nomear o indizível.

Espero que toda a sinestesia do mundo invada o olhar das crianças e dos jovens, sendo um convite para a festa existente na natureza; na casa, no convívio com os familiares e amigos, no olhar que pausa sobre a mesa e se deixa acariciar pela simplicidade das flores, perfumadas e vestidas de veludo. Há tanto e tanto no olhar de espanto de uma criança! Há tanto e tanto no olhar perdido dos jovens que só “navegam” nas realidades virtuais e instantâneas... há tanto...

Tenho lidado com muitos jovens adultos com síndrome de pânico, ansiedade, angústia e depressão. Alguns confessam que desaprenderam a estar com o outro; que, estranhamente, preferem visitá-los nas redes sociais... que forjam identidades com o objetivo de fazer sucesso. Afirmam que parecem acompanhados, mas sofrem de um vazio, um buraco no meio da alma que não lhes permite desejar o futuro. Muitos jovens estão sozinhos! Estão na festa a verem os outros dançar.

Muitos jovens desaprenderam o sentido que emerge da vida e da boa convivência com o outro. Desaprenderam a aprender sobre o mundo, sobre a ética, os valores e o respeito. Desaprenderam a saber-se e a gostar de si, a partir do que são, sem precisar de acreditar que são melhores quando conquistam a popularidade e o sucesso. É preciso garantir aos jovens o seu lugar no mundo, enquanto singularidade, mas também expansão.

Considero que a educação deve trabalhar no sentido de educar para o olhar. Ensinar a olhar deve ser a missão de qualquer pessoa que educa para o bem, em todas as suas dimensões. Não devemos depositar nas tecnologias todo o mal do mundo pois, em muito, elas nos facilitam e reinventam a vida. A problemática é circular e resulta sempre no mesmo: como possibilitamos o seu uso. Quanto tempo as crianças e jovens passam diante dos ecrãs; como os educadores podem determinar a qualidade de vida dos seus educandos e como podem, eles mesmos, terem qualidade de vida...

Sair da discursão filosófica para a prática é imperativo. O estado social precisa tratar de questões da educação para que assim, trate do seu projeto de futuro. Que projeto de futuro pode ter sucesso quando os jovens estão mergulhados em sua falta de perspectiva, em tristeza, ansiedade, medo e depressão? O que eu e aquele que me lê temos feito ou faremos pela sociedade do futuro? O que temos realizado a partir da nossa janela? Temos colhido flores para encantar a casa da vizinha? Temos aberto a janela para quem não pode correr ou tomar banho de chuva?

As futuras gerações, nativas das várias tecnologias, precisam encontrar no corpo um ponto de extensão para o mundo. Um ponto que lhes sirva de horizonte e montanha. Mar.

O ponto no corpo não é um ecrã pendurado ao pescoço ou agarrado às mãos. Não pode ser. Os telemóveis não podem ser extensão do corpo, do olhar e do pensamento, pois não o são. O olhar pode ser a extensão que nos traz o outro para dentro, porque o olhar está em nós: no corpo como extensão do mundo.

Ensinar a olhar deve ser o ofício diário de cada um de nós, pois quem aprende a olhar nunca mais se esquece de descobrir novos mundos e de sair em busca de novos sentidos.

É possível que as ideias que por aqui deslizam, sejam uma quimera de quem, ainda talvez, ingenuamente, acredite em um projeto de humanidade, no qual a essência da espiritualidade, em seu amplo sentido, pode conceder asas para o olhar – de espanto pelas pequenas coisas da vida. Aquele olhar que viaja para dentro do corpo e descobre a alma de tudo que vê e, como se fosse um vaivém: torna-se espanto, surpresa e alegria.

Era Carnaval. Para mim, um momento de recolhimento, no qual posso abrir algumas janelas e, sossegadamente, rever pandeiros que nunca toquei, fantasias que vesti, bisnagas de água, confetes e serpentinas... mas enquanto o bloco de memórias desfila, anoitece.

Preciso fechar a janela que me trouxe a montanha e o mar selvagens. Antes, preciso vos dizer sobre o meu derradeiro olhar de hoje. Só espanto. Enquanto anoitecia, mesmo com muito vento, desabrocharam lindas orquídeas brancas, entre as pedras da montanha vulcânica, cravada no meio do Atlântico. Nasceram por nascer, mas desabrocharam no meu olhar. Partilho-as com o futuro. 

O olhar pode ser a extensão que nos traz o outro para dentro, porque o olhar está em nós: no corpo como extensão do mundo.

Rui Pedro
Vasconcelos



Podemos realmente viver em conjunto? A fraternidade é possível? A vida é melhor e mais feliz, quando partilhada? A resposta parece óbvia, porém a experiência no encontro com outros, para não terminar em incompreensão e amargura, desafia-nos a um percurso tomando como guia a vulnerabilidade que a relação expõe. E se a noite for a luz que nos conduz? Ou, dito de outro modo: e se nas fraturas que emergem na relação descobriremos os alicerces do encontro?

Obra: ***Oh noite que guiaste!***
 Autor: **Carlos Maria Antunes**
 Edição: *Paulinas*
 Páginas: 128

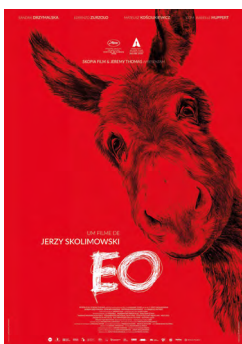


A experiência monástica cristã já não encontra na tradicional expressão “fuga do mundo” a sua mais completa identidade: se toda a vocação cristã é uma vocação de seguimento de Jesus e de envio ao mundo, também nessa linha se configura a vocação monástica. É neste horizonte que podemos aproximar-nos das propostas do monge cisterciense Carlos Maria Antunes, cujo subtítulo desta obra – *Da inospitalidade ao encontro* –, representa uma boa síntese do percurso aqui exposto.

O conjunto de três textos apresentados – *Despertar de um sonho de separação*, *É preciso transver o mundo* e *A força da vulnerabilidade* –, que resultam de reflexões pronunciadas em contexto de encontros de formação, traçam no seu conjunto uma proposta de reconfiguração da experiência cristã. Carlos Maria Antunes parte do magistério do Papa Francisco e de referências da sua tradição cisterciense – Bernardo de Claraval e Thomas Merton – mas também de escritores das áreas da poesia e da literatura, além da espiritualidade. O aguilhão é colocado numa questão fundamental: não há uma transformação do mundo de acordo com as dinâmicas do Evangelho de Jesus sem um permanente acolhimento e conversão das feridas que habitam o íntimo de cada um de nós enquanto crentes. As linguagens que encontramos no Novo Testamento que diagnosticam a condição humana à luz da revelação de Deus em Jesus são permeadas por imagens de fragilidade: o Cruci-

ficado, o corpo ausente, os doentes e leprosos dos Evangelhos, os apóstolos perseguidos... Esta condição de fragilidade ou vulnerabilidade é que torna possível um anúncio de misericórdia, feito, não a partir da força ou da superioridade, mas da consciência da fraqueza. Paulo di-lo-á de modo paradigmático: “Quando sou fraco, então sou forte” (1Cor 12, 10).

“Talvez devêssemos prestar mais atenção à efetiva reciprocidade que existe entre autoconhecimento e conhecimento de Jesus”. O risco é o de tornar a fé numa ideologia e o apostolado numa fuga de si mesmo. O seguimento de Jesus é sempre, em primeiro lugar, um caminho de conversão pessoal, conversão essa que é suscitada, não a partir dos propósitos e esforços pessoais, mas a partir dos apelos e sofrimentos que advêm do encontro com o outro. A qualidade das relações humanas é o primordial medidor de uma vida crente: a fé é essencialmente um encontro, com Jesus pela mediação dos irmãos e da comunidade. A leitora e o leitor que se aventurarem nas páginas de *Oh noite que guiaste!*, certamente usufruirão – numa leitura lenta e pausada, bem ao ritmo monástico – da escuta de perguntas incómodas, mas também do saborear de uma imersão no coração do Evangelho, força capaz de transformar o mundo, transformando as relações. **M**



A Via Sacra de um Burro

CINEMA

Manuel Monteiro
Mendes



Para nós, que temos um burro no Pre-sépio a aquecer o Menino e outro que carrega Jesus na sua entrada pascal em Jerusalém, este é um filme muito sugestivo e simbólico.

Falo de EO (onomatopeia correspondente ao nosso hi hon), o último filme-metáfora-fábula de Jerzy Skolimowski.

Trata-se de um filme que nos vai dando a ver fragmentos e situações do nosso mundo e da nossa sociedade, através do olhar de um burro. Falo de situações que têm a ver com violência, maus tratos, assassinatos, questões ecológicas. É a Via Sacra de um burro que nos vai 'dizendo' o que vê e o que pensa. O nosso Mundo pelo olhar de um burro. E não é muito bonita nem feliz a peregrinação que ele faz, depois de ter sido arrancado – certamente por muito boas intenções – ao circo onde atuava e à 'dona' que o tratava como ele merecia.

EO é um filme forte – quase violento – pela tensão que as imagens, e sobretudo a música, provocam no espectador.

Encontrei um colaborador extraordinário, Michal Dymek, o diretor de fotografia. Queria fazer coisas extravagantes e planos radicais, ainda não tentados no cinema a nível técnico, e eu encorajei-o, disse-lhe que não queria neste filme um plano sequer que fosse convencional, que preferia o extraordinário, o não ortodoxo, o risco levado ao limite. Em relação ao som, esta já é a minha terceira colaboração com o compositor polaco Pawel Mykietyn. (...) Pedi-lhe que as suas sinfonias imaginassem o monólogo interior do burro e que o sentissem, na cabeça e no coração.

(...) todos os animais que por este filme passam ... sublinham uma consciência imemorial, anterior às palavras dos homens, e ao mesmo tempo a nossa crueldade: EO, à sua medida, é uma espécie de adeus à humanidade. (Palavras do realizador, citadas na Revista do Expresso, 17 de Fevereiro de 2023, por Francisco Ferreira)

E termino com o final da Oração do Burro (de Anthony de Mello):

Senhor, não te peço que me tornes diferente. Peço-te força para continuar a ser como me sonhaste. Que os homens compreendam que, mesmo sendo burro, sou também criatura tua.

No entanto, há algo que me anima: Lembras-te daquele dia em que enviaste os teus discípulos à procura de um burrito? Disseste-lhes: “Se alguém perguntar, respondei: O Senhor precisa dele”. Para viver e ser feliz, continua a chegar-me isto: Senhor, tu precisas de mim! Amen.

Se ouvíssemos o que nos diz este burro, talvez conseguíssemos tornar esta Terra a Casa Comum sonhada por Deus para todas as suas criaturas. **M**

Que os homens
compreendam
que, mesmo sen-
do burro, sou
também
criatura tua.



EO,
de Jerzy Skolimowski,
Drama, M/12, 2022,
Polónia/Itália

Em cumprimento das disposições legais em vigor (Lei nº 2/99, “Lei de Imprensa”, de 13 de janeiro), a Associação Cultural Mensageiro de Santo António, proprietária desta revista, publica a “Demonstração de Resultados”, referente ao exercício do ano de 2021, bem como o seu Estatuto Editorial, que se encontra também em <https://santoantonio.live/about/>.

Aproveitamos a ocasião para a agradecer a todos os nossos leitores que pontualmente pagam a sua assinatura e, tantas vezes, mesmo no meio de dificuldades, encontram forma de enviar um pouco mais, ajudando assim aqueles a quem a revista chega gratuitamente, em África, nas prisões e a tantos idosos, quando a pensão já não dá para tudo.

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS 2022

RENDIMENTOS E GASTOS	NOTAS	DATAS	
		N	N-1
Vendas e serviços prestados		46,498.63	40,070.11
Subsídios à exploração		112.00	84.50
Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas		-21,951.26	-17,466.22
Fornecimentos e serviços externos		-21,605.77	-21,039.68
Gastos com o pessoal		-11,707.14	-11,590.18
Outros rendimentos e ganhos		11,127.39	19,661.53
Outros gastos e perdas		-435.36	-12,765.37
Resultado antes de depreciação, gastos de financiamento e impostos		2,038.49	-3,045.31
Gastos / reversões de depreciação e de amortização		0.00	-612.54
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)		2,038.49	-3,657.85
Juros e rendimentos similares obtidos		0.00	0.00
Juros e gastos similares suportados		0.00	0.00
Resultado antes de impostos		2,038.49	-3,657.85
Imposto sobre o rendimento do período		-349.00	-315.83
Resultado líquido do período		1,689.49	-3,973.68

ESTATUTO EDITORIAL

- 1 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO é uma revista de periodicidade mensal, de informação geral, que tem como objectivo prioritário tratar a atualidade portuguesa à luz da herança cultural do primeiro português de dimensão universal: Fernando de Bulhões, Santo António de Lisboa.
- 2 As páginas do MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO estão abertas a todas as áreas da vida atual, da política ao desporto, da economia à religião, sempre numa dimensão de respeito pela dignidade humana, com forte componente de informação regional, centrada no eixo Coimbra-Viséu.
- 3 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO assume com particular empenho o facto de ser meio de contacto entre os portugueses residentes em Portugal e os que se encontram espalhados pelo Mundo. Também os naturais dos países africanos de língua oficial portuguesa, unidos a nós por séculos de história comum, estão na primeira linha das preocupações editoriais da revista.
- 4 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO estimula nas suas páginas o debate de ideias, numa perspectiva de formação global do ser humano. Ao mesmo tempo, quer através de iniciativas próprias, quer apoiando projetos de outras instituições, pretende assumir-se como espaço de referência das publicações portuguesas de inspiração cristã.
- 5 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO – através de secções permanentes, que vão desde a leitura da situação do homem na sociedade em que vivemos até ao acompanhamento regular dos acontecimentos da cultura – está atento à realidade portuguesa, fornecendo dados que permitam ajudar o leitor a lê-la e contribuindo para formar uma autêntica opinião humanística.
- 6 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO assume finalmente o compromisso de “respeitar os princípios deontológicos da Imprensa e a ética profissional, de modo a não poder prosseguir apenas fins comerciais, nem abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação”.

Incertezas e sinais de esperança na casa comum

Ouvimos e falamos constantemente de “cuidar da casa comum”, mas não podemos manter-nos como que anestesiados pelas palavras bem-intencionadas. É tempo de concretizar outras formas de usar os recursos da Terra, que nos está emprestada pelas gerações futuras e que devemos restituir em boas condições.

Luís Mah apresenta sucintamente as conclusões do *Relatório do Desenvolvimento Humano* (2021/2022) do *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento* (PNUD). Marisa Temporão leva-nos a escutar o que dizem as crianças e Humberto Martins mostra-nos como se deu resposta a uma situação de fragilidade e sofrimento, construindo uma aldeia acolhedora.

Rita Veiga (coordenação)



Na horta do Externato
Marista de Lisboa

INCERTEZAS E ESPERANÇAS



Rita Veiga,
Rede Cuidar da Casa Comum

Ouvimos e falamos constantemente de “cuidar da casa comum”, mas não podemos manter-nos como que anestesiados pelas palavras bem-intencionadas. É preciso que o nosso discurso seja consequente e leve à concretização de outra forma de usar os recursos da Terra. Consideremos que ela nos está emprestada pelas gerações futuras e devemos restituí-la em boas condições.

A encíclica *Laudato si'* (LS) já tem oito anos, mas o apelo do Papa Francisco, a que cuidemos desta casa que é de todos, carece ainda de uma resposta empenhada, ao menos da generalidade das comunidades cristãs. Igualmente inspiradora, a *Fratelli tutti* (FT), de 2020, propõe que a fraternidade e a amizade social determinem as nossas atitudes e as relações que temos uns com os outros, abrangendo a humanidade inteira.

Com o passar do tempo e a passividade da maioria, mais difícil e penoso será preservar as condições que nos permitem habitar o planeta, sem contar com o perigo de prevalecer o desânimo que leva a desistir. Para despertar da modorra os mais alheados, procuramos abordar o tema por diferentes ângulos.

Primeiro, pretendemos alargar o campo de observação: não esqueçamos que por todo o mundo se fazem sentir os efeitos devastadores das alterações climáticas. É o desespero para as populações atingidas, sobretudo as que já viviam na pobreza e perdem os escassos meios de sobrevivência, ficando dependentes de ajuda humanitária, em geral insuficiente. São nossos irmãos e irmãs, da grande família humana que habita a casa comum, e temos de ser criativos, porque não podemos esquivar-nos à responsabilidade que nos toca.

É necessário fazer crescer não só uma espiritualidade da fraternidade, mas também e ao mesmo tempo uma organização mundial mais eficiente para ajudar a resolver os problemas prementes dos abandonados que sofrem e morrem nos países pobres.

FT 165

Neste âmbito, **Luís Mah** apresenta muito sucintamente as conclusões do *Relatório do Desenvolvimento Humano (2021/2022) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)*. O chamado “novo normal” não é nada tranquilizador, traz grandes incertezas, mas sugerem-se, em contraponto, três ordens de ação para fazer frente aos problemas.

A seguir, vamos saber o que dizem algumas crianças do pré-escolar que, na escola, cuidam de uma horta.

Marisa Temporão, coordenadora pastoral, e a educadora Mafalda, do Externato Marista de Lisboa, mostram-nos como “promover o respeito por aquilo que é de todos, a nossa Casa comum”.

Estas crianças, no seu brincar, têm uma relação de harmonia com a natureza e criam laços que de certo vão influir nos seus estilos de vida. Dão-nos uma renovada motivação para cuidar do futuro e a esperança com que se há-de construí-lo.

Cuidar do mundo que nos rodeia e sustenta significa cuidar de nós mesmos. Mas precisamos de nos constituir como um “nós” que habita a casa comum.

FT 17

E a comprovar que “o amor social é uma força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas do mundo de hoje” (FT 183), **Humberto Martins** explica como na Mexilhoeira Grande

se deu resposta a uma situação de fragilidade e sofrimento, construindo uma aldeia acolhedora, com uma beleza como poucas vezes se encontra.

Fica o desafio a cada um(a) de persistir em ser parte da solução, já que dentro da sua esfera de ação, todos podemos ser colaboradores na admirável obra da Criação. A **REDE R3C - Cuidar da Casa Comum** – <https://casacomum.pt> –, através dos seus membros, empenha-se todos os dias na conversão ecológica ambiental, social e espiritual. Nestes tempos que põem à prova a nossa esperança, fortalece-nos a convicção de que:

Deus, que nos chama a uma generosa entrega e a oferecer-Lhe tudo, também nos dá as forças e a luz de que necessitamos para prosseguir. No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama. Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado!

LS 245 



Grupo de crianças a caminho do rio para buscar água,
Sayaboury, Lao PDR.
Foto 2010 Xaykham Manilasit, ADB.



CONSTRUIR O FUTURO EM TEMPOS DE TRANSFORMAÇÃO



Luís Mah,

Professor Auxiliar em Estudos de Desenvolvimento no ISCTE

Primeiro, a incerteza das mudanças planetárias causadas pela emergência climática resultado da ação humana (ou Era do Antropoceno como realça o relatório) e que prometem intensificar ainda mais as desigualdades humanas já de si problemáticas.

Segundo, a necessidade de responder a estas mudanças planetárias, acaba por gerar uma outra incerteza, principalmente laboral, com as transformações na organização das sociedades. A emergência de novas indústrias mais amigas do ambiente que exigem outras (re)qualificações profissionais ou a introdução da automação e da inteligência artificial em substituição da mão-de-obra humana têm vindo a alimentar uma crescente insegurança económica junto dos trabalhadores, desafiando o seu bem-estar.

Finalmente, a incerteza causada pelo reforço da polarização política e social entre e dentro dos países e a sua relação com a proliferação das redes sociais. O extremismo político, facilitado e exacerbado pelas novas plataformas tecnológicas e que emerge associado a uma visão cada vez mais crítica e desconfiada quanto ao papel dos governos, acaba

O título do último *Relatório do Desenvolvimento Humano* (2021/2022) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)¹, apresenta-nos o que chama o “novo normal” na casa comum em que vivemos e de que temos de cuidar. Um “novo normal” feito de crescentes incertezas e inseguranças humanas.

Aos impactos que ainda se vão sentindo da pandemia e do horror e sofrimento da Guerra na Ucrânia, juntam-se três grandes incertezas que marcam e continuarão a marcar as nossas vidas nas próximas décadas ou mesmo séculos, num cenário global cada vez mais perturbador e inquietante.

1 PNUD 2022, *Tempos Incertos, Vidas Instáveis: Construir o Futuro em Tempos de Transformação*, PNUD: Nova Iorque. Sumário executivo e versão completa disponíveis em: <https://hdr.undp.org/content/human-development-report-2021-22>.

por ter como efeito reduzir as possibilidades de cooperação e colaboração cruciais para se encontrarem consensos em políticas públicas destinadas a ajudar a mitigar e a adaptar aos efeitos da emergência climática. Cuidar da casa comum está a ser cada vez mais difícil.

Mas ainda há esperança para tornar as pessoas mais seguras na casa comum. Através de três ações como, por exemplo:

- **investimento** em medidas que ajudem a enfrentar a emergência climática, apostem no desenvolvimento humano centrado na valorização da natureza e providenciem bens públicos mundiais como a educação ou saúde para todos;

- **proteção** dos direitos humanos e dos serviços sociais básicos, da promoção do debate público e da participação social;

- e através da **inovação social**, do combate à desinformação e da eficiência energética.

Este relatório (também conhecido pela sigla RDH) foi publicado pela primeira vez em 1990, e na sua origem esteve a vontade de criar uma abordagem que avaliasse o processo de desenvolvimento com o ser humano no seu centro e a quem seriam dadas as oportunidades e liberdades para alcançar o seu bem-estar.

Todos os anos o RDH lança o chamado *Índice de Desenvolvimento Humano* (IDH) que mede os países segundo o que se considera ser as três dimensões básicas do desenvolvimento humano: anos de escolaridade, anos de longevidade e rendimento per capita. Desde a sua criação, o IDH tem vindo a sofrer modificações e ajustamentos de modo a melhor refletir novas realidades.

O progresso positivo do IDH nas últimas três décadas é evidente. Mas o que este último RDH vem revelar é que esse progresso está agora ameaçado se não agirmos imediatamente. **M**



Crianças regressando da escola, projeto rodoviário patrocinado pelo ADB, Honiara, ilhas Salomão. Foto 2015, Luís Ascui ADB.



Marisa Temporão,
Coordenadora da Pastoral - Externato Marista de Lisboa

Cuidar da Casa Comum foi um desafio lançado pelo Papa Francisco que a Província Marista Compostela acolheu de braços abertos, sendo, inclusivamente, uma linha orientadora do Plano Estratégico: *Despertar e desenvolver a nossa consciência ecossocial, numa perspectiva inclusiva e cristã num quadro institucional da Província Compostela, que promove a solidariedade, o consumo responsável e a sustentabilidade.*

Neste âmbito, foi desenvolvida uma Horta no Ensino Pré-Escolar, onde são dinamizadas várias atividades com os alunos, incluindo momentos de interioridade a tratarem e cuidarem da própria horta. Desta forma ativa, promovemos nos alunos um cuidado com a natureza, aprendendo a respeitar os ciclos naturais, de forma fluida e como parte do seu dia-a-dia, que acreditamos serem as raízes para uma atitude responsável e de cuidado do nosso planeta e de toda a criação.



Sobre este assunto, fomos conversar com alunos dos 5 anos. Quando lhes perguntámos “O que é que tu sentes quando vais à horta?

O que é que gostas mais?”, o sentimento predominante, sem qualquer hesitação, entre muito entusiasmo e gargalhadas, foi a felicidade e a alegria, porque cuidar da horta é muito divertido. O João B. salientou que adorava “brincar com as pás” na terra, fazendo os buracos, o João P. referiu que gostava muito “de plantar coisas na horta”, enquanto a Aurora e a Sofia preferem “regar as plantas”. Já o Zé diz que gosta muito “das alfaces e de as colocar na terra”... pode ser que também seja uma ajuda para gostar de as incluir nas refeições! Para a Constança a horta é uma grande brincadeira, onde pode mexer em muitas coisas. Todos os alunos acham que é importante proteger a natureza (e a sua horta), porque não querem que os animais, nem as plantas morram. A Sofia, com muita sabedoria para a sua idade, diz ainda que se não cuidarmos da natureza, podemos ficar todos doentes, intuindo já a ligação entre todos os seres vivos.

A pergunta seguinte “Como é que tu e a tua família podem ajudar o ambiente?” foi um pouco mais difícil, mas os nossos pequenos horticultores também já têm algumas ideias sobre o assunto.

A Aurora achou que era importante mandar o lixo para os sítios certos, enquanto o Zé, mais informado, afirmou que os pais separam o lixo em sacos diferentes, para colocar nos ecopontos. A Sofia afirmou que devemos ajudar todos os bichinhos, dando-lhes de comer.

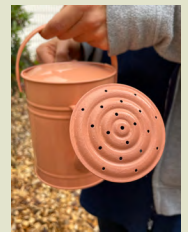


Externato Marista de Lisboa
Fotos de Marisa Temporão e Mafalda Pereira

O João B. referiu que uma forma de ajudar é andar na rua confortável e, claro que concordamos todos, que gostar de passear em parques e outros espaços naturais, contemplando a natureza é uma forma de valorizar este mundo belíssimo com que Deus nos presenteou.

“O *Projeto da Horta* é um instrumento muito importante para a educação dos nossos pequeninos”, diz a educadora Mafalda. Pretende-se promover o respeito por aquilo que é de todos, a nossa Casa comum, onde vivemos em harmonia com a Natureza e plantamos a semente de um estilo de vida ecologista.

Com o dia a dia da horta damos a conhecer os nossos irmãos (Sol, Terra, Água, Lua e Vento), como diz S. Francisco, descobrimos os seus ritmos e aprendemos a agradecer o que colhemos e cuidamos. 



A ALDEIA DE SÃO JOSÉ

Na Encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco afirma que “quando a dignidade do homem é respeitada e os seus direitos são reconhecidos e garantidos, florescem também a criatividade e a audácia, podendo a pessoa humana explanar suas inúmeras iniciativas a favor do bem comum”.

Também o P. Domingos Monteiro da Costa, sj, ao sonhar com a Aldeia de São José de Alcalar, olhou primeiro para a necessidade de defender e amparar os mais vulneráveis e pobres desta freguesia.

Em meados da década de 70 do século passado, quando o P. Domingos Monteiro da Costa, sj, chegou à paróquia, a freguesia da Mexilhoeira Grande, apesar de ser a maior área do concelho de Portimão, era, como continua a ser, a fregue-



Humberto Martins,
Centro Paroquial da Mexilhoeira Grande

sia com a mais baixa densidade populacional. Se hoje continuam a existir alguns problemas sociais, nesse tempo os problemas eram muito maiores. Dada a geografia rural da freguesia, os cinco lugares mais interiores, menos populosos, distantes uns dos outros, sem acessos viários entre eles e com o centro da freguesia, não dispunham de qualquer rede de apoio social. Os filhos saíam para fora à procura de melhores condições de vida, deixando os pais à sua sorte, sem garantia de qualquer apoio, quando a saúde e a idade não permitissem a autonomia.

Muitos dos pais idosos viam o suicídio como única solução para a solidão em que viviam.

Foi neste cenário preocupante, numa freguesia sem qualquer apoio social e económico, que o P. Domingos Monteiro da Costa, sj, sonhou a construção da Aldeia de S. José, de Alcalar, para pessoas idosas, onde pudessem ter assistência para os problemas inerentes à idade, manter as raízes culturais, prolongar até ao fim da vida, não só a ligação à natureza e ao campo, como garantir e manter a comunhão, a autonomia e a privacidade do casal, mesmo tendo filhos deficientes.

Este conceito enquadra-se nas palavras do Papa Francisco, na *Laudato Si'* (nº 22).

Tendo em conta que o ser humano também é uma criatura deste mundo, que tem direito a viver e ser feliz e, além disso, possui uma dignidade especial, não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental, do modelo atual de desenvolvimento e da cultura do descarte sobre a vida das pessoas.

O modelo criativo, inovador e audaz, faz da Aldeia de São José um novo paradigma da Assistência à Terceira idade, não tanto pelo projeto de arquitetura, mas pela novidade de assistência social, prestada, nesta fase da vida, aos mais pobres e vulneráveis da freguesia.

Nela, cada pessoa idosa, cada casal e cada família, no caso de casais com filhos deficientes, pode encontrar numa das 52 moradias e nos verdes jardins que circundam todo o complexo, o que, normalmente, não encontram num Lar tradicional: liberdade, autonomia e privacidade. **M**



Aldeia de São José de Alcalar, na Mexillhoeira Grande

10 anos de pontificado

PONTO
E CONTRA
PONTO

Idalino Simões

1. OS GESTOS

No dia 13 de março de 2013 a surpresa da multidão que aguardava o novo Papa: *Boa noite...*

Um grande silêncio acolhe este primeiro gesto de um papa que vem do *fim do mundo*. É o primeiro grande sinal de proximidade e de encontro, um gesto profético de uma nova linguagem. E a surpresa continua: *Peço que rezem ao Senhor para que Ele me abençoe*. Um gesto semente que irá começar a desenvolver-se com a proposta sinodal, devolvendo ao Povo de Deus o seu papel de protagonista no crescimento eclesial.

Estes dois gestos primeiros irão sendo acrescentados de outros, como uma linguagem nova de comunicação. A boa nova do Reino passará a contar, com o Papa Francisco, com gestos simples, mas marcados de densidade: acariciar as crianças, abraçar os doentes, beijar os pés de reclusos e reclusas ou ainda no gesto surpresa de beijar os pés dos líderes em guerra no Congo suplicando a paz para os povos mártires. A imagem de uma Igreja Samaritana que se aproxima dos feridos... dos excluídos, dos que carregam a dor e a raiva, mas são capazes do perdão.

Nas suas viagens criteriosamente escolhidas multiplicam-se os gestos de atenção às periferias, os gestos de defesa dos emigrantes e refugiados, os gestos de aproximação a outras Igrejas e a outras outras experiências religiosas. As suas viagens são um clamor contra a *globalização da indiferença* (Lesbos).

Não conseguimos entrever como vão germinar os seus gestos de encontro com outras experiências de um modo especial o mundo muçulmano.

Num mundo desconfigurado pelos abusos do poder e da guerra e pelo desenfreado e imoral consumo que deixa vazia a dispensa para as gerações vindouras, *Fratelli Tutti* e *Laudato Si* são sementes que aguardam ainda o seu tempo de germinação e crescimento.

Mas há um gesto do papa que é necessário ter sempre presente: Na Praça de São Pedro, em 27 de março de 2020, o Papa Francisco ergue a sua voz em prece pela humanidade esmagada pela pandemia. Caminhou sozinho debaixo de chuva e falou sentado sozinho diante de uma praça silenciosa e vazia.

Percebemos que estamos no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários, todos fomos chamados para remar juntos, cada um de nós precisando confortar o outro.

O vírus expôs a vulnerabilidade das pessoas *às certezas falsas e supérfluas em torno das quais construímos os nossos horários diários*. Num tempo em que ninguém pode salvar-se sozinho, uma nota de apreço e de gratidão a todos os médicos, enfermeiras, funcionários de supermercados, produtos de limpeza, prestadores de cuidados, trabalhadores de transporte, polícia e voluntários, dizendo que eles, e não os ricos e famosos do mundo, estavam *escrevendo os eventos decisivos do nosso tempo*.



Gestos simples, mas marcados de densidade: acariciar as crianças, abraçar os doentes, beijar os pés de reclusos e reclusas, beijar os pés dos líderes em guerra no Congo suplicando a paz.



2. Os SONHOS

Salientando os gestos e sinais do Papa Francisco, numa recuperação dos sinais evangélico da proximidade e do encontro não podemos deixar de anotar os sonhos do Papa Francisco.

É com palavras de Paulo Freire que quero iniciar este apontamento:

Ai daqueles e daquelas que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina. pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora

Com estas palavras quero salientar a força do sonho, a sua capacidade de entrar no futuro. Há pessoas que gostam e se revêm na *saudade* do que foi, que preferem ancorar-se nas águas calmas do passado mais do que lançar-se para o alto mar do desconhecido. No seu memorável livro *Ser Cristão*, Hans Kung

fala do desafio criador das utopias para referir que *quando não há utopias servem-se melancolias*.

Com esta introdução dou a palavra ao Papa Francisco:

Queridos jovens, queridos irmãos e irmãs, não renunciemos aos grandes sonhos. Não nos contentemos com o que é devido. O Senhor não quer que restrinjamos os horizontes, não nos quer estacionados nas margens da vida, mas correndo para metas elevadas, com júbilo e ousadia. Não fomos feitos para sonhar os feriados ou o fim de semana, mas para realizar os sonhos de Deus neste mundo. Ele tornou-nos capazes de sonhar, para abraçar a beleza da vida. E as obras de misericórdia são as obras mais belas da vida. As obras de misericórdia vão ao centro de nossos grandes sonhos. Se você tem sonhos de verdadeira glória, não da glória passageira do mundo, mas da glória de Deus, esta é a estrada; pois as obras de misericórdia dão mais glória a Deus do que qualquer outra coisa. Ouçam bem isto: as obras de misericórdia dão glória a Deus mais do que qualquer outra coisa. Seremos julgados no final, sobre as obras de misericórdia.

Homilia da Missa na Solenidade de Cristo Rei,
Basílica de São Pedro, in *Vatican News*,
22 novembro 2020.

Papa Francisco,
carregando a
própria pasta,
de partida
para a visita ao
Iraque, 5 março
2021.
Foto EPA
TELENEWS



Mas é sobretudo na *Querida Amazônia* que os 4 sonhos do Papa se abrem com ousadia:

- **Sonho social:**

Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida.

- **Sonho cultural:**

Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana...

em qualquer projeto para a Amazônia, é preciso assumir a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas, dando assim provas de compreender que o desenvolvimento dum grupo social (...) requer, constantemente, o protagonismo dos atores sociais locais a partir da sua própria cultura.

- **Sonho ecológico:**

Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas.

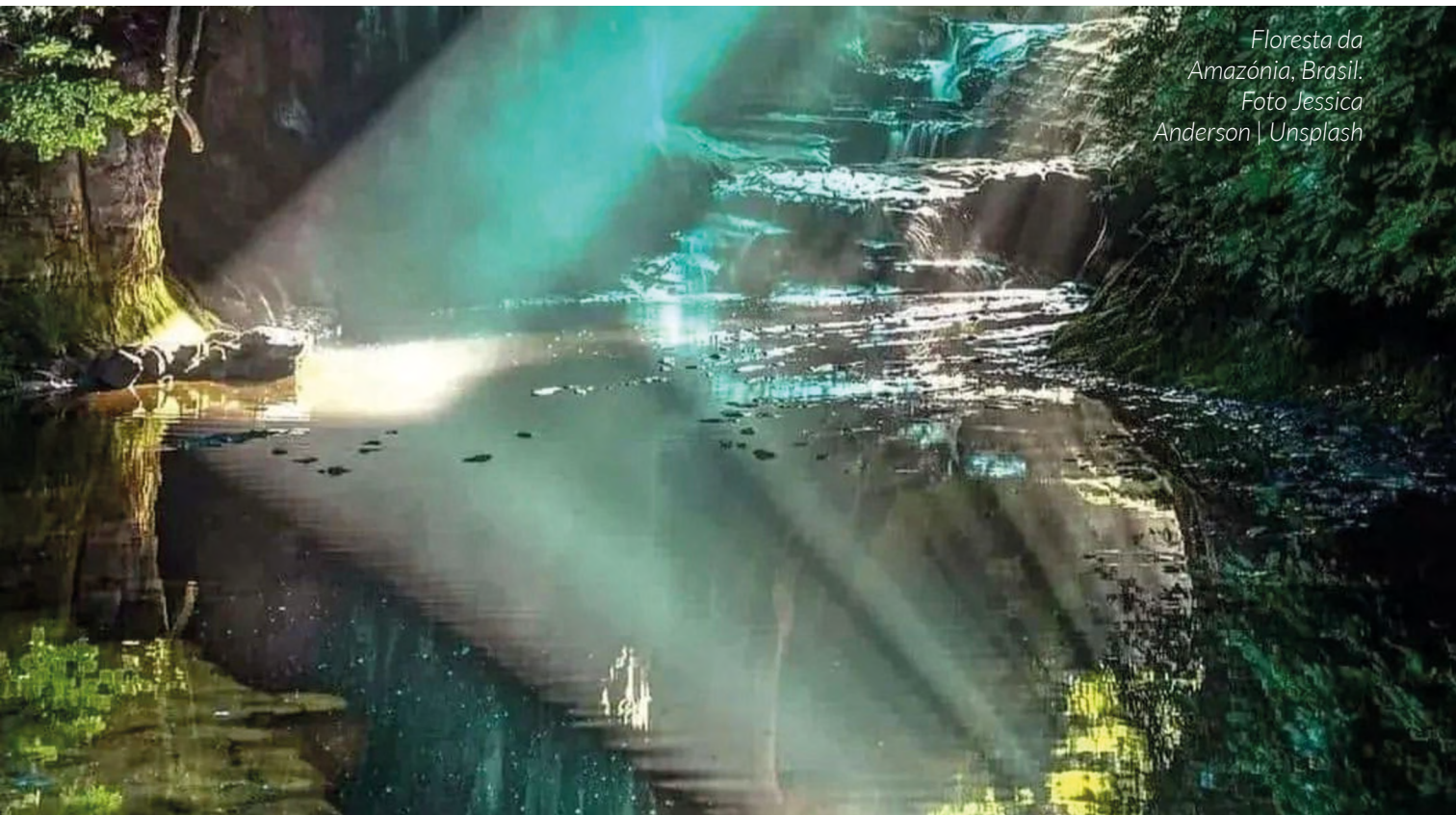
- **Sonho eclesial:**

Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos.

É com estas palavras que o Papa assume um sonho eclesial para a Amazônia. Um sonho feito de *inculturação* social e espiritual, um sonho feito com amor ao povo, cheio de respeito e compreensão. **M**

Não fomos feitos para sonhar os feriados ou o fim de semana, mas para realizar os sonhos de Deus neste mundo.

Ele tornou-nos capazes de sonhar, para abraçar a beleza da vida. E as obras de misericórdia são as obras mais belas da vida.



Floresta da
Amazônia, Brasil.
Foto Jessica
Anderson | Unsplash

Juan Ambrosio



Ler os sinais dos tempos

Revisitei por estes dias, a propósito de alguns trabalhos nos quais estou envolvido, aquele magnífico texto do Concílio Vaticano II no qual se reflete sobre a missão da Igreja no mundo atual. Refiro-me, como devem imaginar, à Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. No momento em que o texto foi promulgado, estávamos no ano de 1965, referindo-se, pois, o “atual” a essa altura.

Já passaram praticamente 60 anos desde então, pelo que o mundo atual a que o texto se refere não é de todo o mesmo. Muita coisa mudou, a própria humanidade fez um longo caminho e a maneira como olha para a história não é a mesma, tal como não são simplesmente os mesmos os traços que marcam e definem o momento atual que vivemos. Pegar nesse texto e aplicá-lo, sem mais, aos dias de hoje, não seria certamente um exercício de grande prudência. No entanto, ao reler o texto, e tendo bem presente tudo o que acabo de referir, não deixa de ser surpreendente notar como algumas das características nele identificadas, bem como alguns dos desafios ali apontados continuam a ser muito atuais, alguns deles, porventura, até mais atuais.

Atrevo-me, pois, a fazer o exercício de ler o momento atual, procurando identificar nele a missão a que somos chamados como cristãos, tendo em conta o que no nº 4 do texto se diz.

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, elas re incidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa.

Não fosse pela linguagem utilizada - o texto utiliza a expressão *homem* quando hoje provavelmente utilizaria a «expressão *ser humano* - e sem dificuldade tomaríamos o texto como tendo sido escrito nos nossos dias.

O mesmo se pode dizer do seguinte parágrafo:

Nunca o género humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio económico; e, no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e pela miséria, e inúmeros são ainda os analfabetos. Nunca os homens tiveram um tão vivo sentido da liberdade como hoje, em que surgem novas formas de servidão social e psicológica. Ao mesmo tempo que o mundo experimenta intensamente a própria unidade e a interdependência mútua dos seus membros na solidariedade necessária, ei-lo gravemente dilacerado por forças antagónicas; [...], nem está eliminado o perigo duma guerra que tudo subverta. Aumenta o intercâmbio das ideias; mas as próprias palavras com que se exprimem conceitos da maior importância assumem sentidos muito diferentes segundo as diversas ideologias [...].

Nunca o género humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas... e, no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e pela miséria.

Gaudium et Spes, 4



Manifestação de alunos do Ensino Superior.
Foto 23 março 2023, ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA

Face a esta realidade, o último parágrafo identifica bem o desafio que então se enfrentava e que, julgo poder dizer sem problema, continuamos a enfrentar:

Marcados por circunstâncias tão complexas, muitos dos nossos contemporâneos são incapazes de discernir os valores verdadeiramente permanentes e de os harmonizar com os novamente descobertos. Daí que, agitados entre a esperança e a angústia, sentem-se oprimidos pela inquietação, quando se interrogam acerca da evolução atual dos acontecimentos. Mas esta desafia o homem, força-o até a uma resposta.

A resposta a dar encontro-a bem identificada logo no primeiro parágrafo do nº 4 que estamos a citar:

Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático.

Ler os sinais dos tempos parece-me sinceramente ser um dos grandes desafios levantados hoje e, porque não dizê-lo, sempre às comunidades cristãs. Muito dependente desse exercício e do modo como for capaz de o realizar está, no meu entender, a fidelidade da Igreja à missão que lhe é pedida, tal como a relevância que será capaz de ter na sociedade e na vida dos nossos contemporâneos.

O tempo pascal que agora estamos a viver é certamente tempo oportuno para deixar brilhar a luz do Ressuscitado nesse exercício. **M**

É dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho.

Inês Santos



Gonçalo Oliveira



Inteligência Artificial ou Burrice Natural?

Caro leitor, espero que se encontre bem. Pedimos desculpa pela rasteira da edição anterior. Podemos dizer que tropeçou numa artimanha engendrada pelos autores para escapar ao seu ofício da escrita. Talvez seja uma justificação anémica, mas enquadrava-se na perfeição para introduzir o tema. Afinal de contas, o que é o *ChatGPT*, para que serve e que impacto poderá ter na sociedade?

Vamos lá, então! Sucintamente, o *ChatGPT* é uma forma de inteligência artificial (a partir de agora, IA) e também um programa capaz de gerar diálogo. “Como?”, inquire você e bem! Através de um algoritmo capaz de identificar padrões numa inesgotável base de dados. Confuso mesmo assim?

À medida que aumenta a qualidade da informação de que dispõe (através da validação por seres humanos), este aprende a selecionar melhor os dados que vai utilizar na sua resposta. É desta forma, que o *ChatGPT* transmite a percepção de que é uma pessoa a responder do outro lado do ecrã. Resta saber se a inteligência é própria do programa, dos criadores que o afinam ou da multidão que o alimenta diariamente com conteúdo infundável e indiscriminado. Falamos de IA ou de burrice natural?

Aqui estamos na área-cinzenta da IA. O *ChatGPT*, apesar de não o transparecer, ainda não atingiu uma verdadeira consciência humana com capacidades cognitivas. É uma ferramenta passiva, somente capaz de executar uma tarefa orientadora de cada vez (ou um conjunto limitado de tarefas). Equipara-se à camuflagem dos camaleões, em que eles parecem fazer parte de uma folha, mas não se tornam na folha em si. Esta distinção é importante para compreender que a IA, que idealizamos e vemos nos filmes, ainda não foi alcançada e irá demorar mais alguns anos a surgir. Contudo, o caminho está traçado. O *ChatGPT* e outros programas que vemos no nosso dia-a-dia são pequenos passos para copiar o pensamento e comportamento humanos, seja o “Bom, o Mau e o Pior”.

Deixando de molho o funcionamento do *ChatGPT*, olhemos para alguns exemplos do seu uso nos últimos meses. Tornou-se na nova arma contra o malfadado TPC (Trabalho-Para-Casa), capaz de abrir uma brecha no ensino.

O *ChatGPT* e outros programas de IA são pequenos passos para copiar o pensamento e comportamento humanos, seja “o Bom, o Mau e o Pior”.

Cada vez mais são os alunos que sentem o rei na barriga ao recorrerem a esta engenhosa ferramenta para se livrar da escrita de relatórios ou da resolução de problemas. Poucos ou inexistentes toques tem a realza que fazer. No fundo, chegou à nossa turma um novo colega que é muito “inteligente”, disponível, amigo de todos e, ainda por cima, não cobra um tostão! Paira a dúvida “haverá osmose na passagem da inteligência do aluno para o programa?”. O matreiro aluno certamente aprende a mandar fazer sem saber no que está a mandar fazer (perdoem a repetição). Talvez falemos de futuros chefes que falam de olhos e ouvidos vendados.

Claro, esta poderosa arma de produção de texto não se restringe à esperteza dos mais novos. A IA desvenda-nos um mundo de infinitas possibilidades. “Porque não escrever um artigo para uma revista ou um jornal?”, “Vamos abrir uma galeria de pintura, mas sem uma gota de tinta nas calças. Picassos aos pontapés!”, “Não me apetece escrever um email para consolar os alunos da minha escola, depois de um atentado. Vou usar um programa de IA para esta delicadeza”. E sim, a última opção aconteceu numa universidade nos Estados Unidos (Notícia no jornal britânico *The Guardian*, 22 Fevereiro 2023: [Vanderbilt apologizes for using ChatGPT in email on Michigan shooting, US universities, The Guardian](#)).

Não obstante, atendendo à facilidade com que estes programas são capazes de pescar a nossa informação, crescem novas questões sobre a proteção de dados e os direitos de autor. Em alguns casos, a adulteração de conteúdo disponível torna-se imperceptível à nossa sensibilidade. No castelo que é a Internet, não sabemos ao certo quem ou o que está por trás. Como todas as variantes tecnológicas que surgem, a sua aplicação é dependente da pessoa que a manuseia.

É certo que ainda há muito caminho a percorrer no que diz respeito à privacidade e ao tratamento dos dados disponíveis ao longo da internet. Porém terminamos numa nota positiva ao deixar-vos um vasto campo de aplicações que trabalham a favor do nosso bem-estar.

Existem programas capazes de identificar padrões complexos, muito úteis na medicina para a deteção de corpos estranhos (cancros, coágulos, estilhaços de balas) e determinadas doenças. Outros identificam estruturas moleculares em proteínas, vírus e bactérias que podem ajudar a desenvolver vacinas e medicamentos em curto espaço de tempo e com maior precisão. Na matemática, física, computação e engenharia há uma miríade de utilizações que hoje permitem o desenvolvimento do que temos à nossa volta. Programas como o *ChatGPT* podem ser ferramenta em prol do ensino, ao identificar padrões de erros ortográficos, gramaticais e de sintaxe ou ao corrigir a qualidade factual de um artigo de investigação.

Tudo depende da base de dados dos quais estes programas se alimentam e da intenção de quem os está a utilizar. No fundo, estamos a educar um animal de estimação. Se o colocarmos num ambiente hostil e lhe ensinarmos coisas más, ele vai agir conforme o que vivenciou. Assim, a educação da IA não pode ser negligenciada e, acima de tudo, a mesma não pode ser treinada para ser um cão raivoso ou de ataque. A IA deve ser a nossa melhor amiga, fiel, justa, verdadeira e transparente na sua maneira de ser. Se a espicaçarmos, ela morde, mas, se a acariciarmos, ela pode lamber as nossas feridas. **M**



Mobile Word Congress Barcelona, o maior evento para ecossistemas de conectividade, 28 fevereiro 2023.
Foto EPA/Alejandro García

Simone Olianti

Ilustração:
Elisabetta Benfatto

Messaggero
di sant'Antonio



Por que é tão complicado manter amizades sólidas e continuar a viver uma história de amor.



Tenho medo de ti

Gostaria de partilhar convosco a experiência de um encontro que raramente contei e que ainda me toca quando me lembro. Alguns anos atrás, numa noite quente de primavera, passeava eu pelo centro de Florença, na “Via del Corso”. A certa altura, deparei-me com um jovem que estava sentado na rua: não sei se era um sem-abrigo, mas certamente parecia.

Ele olhou para mim e disse: “Você tem dinheiro?”. Parei e o observei, impressionada pelos seus olhos claros e cristalinos. “Gostaria de tomar uma bebida”, continuou ele. Sem pensar muito, inclinei-me para ele e entreguei-lhe uma nota de 10 euros dizendo-lhe: “Cuidado, gaste-o apenas para beber à minha saúde, não faça mais nada”. Disse isto na brincadeira, não queria pregar-lhe um sermão. O jovem riu.

Estava já pronto para me ir embora, já o tinha ajudado, já tinha feito a minha boa ação, quando ele me disse: “Poderíamos ir juntos”. Fiquei um pouco atordoado e estupefacto: não estava à espera deste pedido invulgar; pensava libertar-me dele dando-lhe dinheiro. Este pedido inesperado colocou o relacionamento num outro nível.

— Poderíamos ir juntos — disse ele novamente com olhos penetrantes.

Poderia ter arranjado desculpas: afinal, já era tarde e eu tinha de ir jantar, mas não consegui dizer mais nada senão: “Por que não?”.

No centro de Florença não faltam bares. Passámos mais de duas horas, ou talvez três, bebendo um bom vinho e conversando como velhos amigos. Ele falou e contou-me a sua vida e eu contei-lhe a minha. No final da noite, abraçámo-nos e despedi-me com uma recomendação: “Vê lá, se precisares de alguma coisa, se quiseres conhecer alguém ou dormir abrigado, posso ajudar-te a encontrar alojamento”. A sua resposta foi imediata: “Demorei tanto para me tornar livre e tu queres meter-me novamente dentro de uma jaula?”. Depois, quando já estava a sair, chamou-me de volta; voltei, ele abraçou-me e disse-me ao ouvido: “Esta noite senti-me homem!”. Respondi: “Eu também”. Ainda guardo no meu coração este encontro, porque a felicidade é sempre partilha.

(cf. S. Olianti, A. Jacopozzi, *Lo sguardo dell'altro. Per un'etica della cura e della compassione*, EMP, Padova, 2020, pp. 54-55).

À primeira vista, o outro, o diverso de nós, assusta-nos, pois assustamo-nos com tudo o que não conhecemos, que não se enquadra nos nossos esquemas. Somos condicionados pelos nossos preconceitos, talvez por alguma experiência negativa anterior que nos tenha magoado. No entanto, a nossa vida é um tecer de relacionamentos: nenhum de nós é feliz sozinho nem pode viver plenamente sem cuidar dos relacionamentos.

Da pergunta que Deus faz a Caim (“Onde está o teu irmão, Abel?”, Gn 4, 9) brota não só toda a filosofia judaica do século XX, de Martin Buber a Emmanuel Lévinas, mas também o meu percurso interior como homem e psicólogo em busca de um sentido para a minha vida, as minhas relações e as relações de tantas pessoas que acompanho e que me perguntam:

- Por que é tão difícil conhecer o outro?;
- Por que é tão complicado manter amizades sólidas e continuar a viver uma história de amor, que já envolveu e ocupa a nossa mente e o nosso coração há anos?;
- Por que o outro, na sua diversidade, nos assusta, forçando-nos a levantar as nossas defesas, impedindo-nos a alegria da partilha?

O outro, o diverso de nós, assusta-nos. Porém, a vida está entrelaçada de relações e nenhum de nós é feliz sozinho.

O rosto e o olhar do outro têm o poder de nos humanizar, quebrando o jugo do isolamento e do anonimato e enobrecendo a nossa dignidade de pessoas.



Porque o outro limita a nossa necessidade neurótica de expansão do ego e continuamente nos chama para fora da prisão narcísica das nossas necessidades não satisfeitas. Os existencialistas entenderam isso muito bem, especialmente Sartre: o outro é aquele que te limita na possibilidade de expandir o teu ego, por isso, é um inferno, um inimigo. O outro obriga-nos a tomar medidas, a remodelar constantemente as nossas necessidades e os nossos apetites, obrigando-nos a olhar para cima do nosso célebre umbigo para ir ao encontro do seu olhar. Só assim pode nascer uma relação fecunda que dá calor e alegria à vida.

Durante um Congresso na Universidade de Catânia, fui de madrugada passear pelas ruas que levam até ao mar. Deparei-me com um *graffiti* cuja escrita na parede me impressionou: “Refletido nos teus olhos, também eu sou lindo”. Reconhecemo-nos apenas no olhar do outro. O Ego, para viver e não apenas sobreviver, precisa da relação com um Tu.

Só o olhar do outro que repousa sobre nós nos faz existir, assim como, sem o nosso olhar, o outro não existe. Isolados morremos, amados vivemos. Sim, o rosto e o olhar do outro têm o poder de nos humanizar plenamente, quebrando o jugo do isolamento e do anonimato e enobrecendo a nossa dignidade como pessoas.

A compaixão pelo olhar é a única resposta possível ao mistério do mal, porque nos afasta da indiferença e da pretensão de sermos autossuficientes. A este respeito, há uma famosa fábula atribuída ao mestre chinês Mêncio, que resume bem o que eu quero expressar:

Um rei, ao ir para o templo, viu passar um bezerro levado para o sacrifício. O rei olhou para ele, olhou para os seus olhos assustados e ordenou que o libertassem. Os sacerdotes perguntaram-lhe: “Devemos renunciar ao sacrifício?” Ele respondeu: “Não, continuai com os outros”. “Por que então – perguntaram-lhe novamente – poupou aquele bezerro?”. O rei respondeu: “Porque quando ele passou por mim cruzei-me com o seu olhar.”

Cruzar o olhar do outro convoca à compaixão. Por isso os deportados para os campos de extermínio eram imediatamente privados das mais imediatas e autênticas insígnias da dignidade humana: o nome e o olhar. Chamá-las pelo nome e olhá-las nos olhos iria humanizá-las, impossibilitando tratá-las com violência e crueldade desumanas.

Mas o encontro com o outro exige coragem e confiança e, se o medo paralisa as intenções, a coragem permite-nos expor a nossa vulnerabilidade, porque “a porta da felicidade só se abre para fora” (Kierkegaard); aqueles que tentam forçá-la para dentro fecham-na ainda mais. Para existir e não apenas sobreviver, devemos tornar-nos belos, afinando a nossa beleza interior, aprendendo a acolher o outro como um dom e não como uma ameaça, aprendendo a amar-nos com o mesmo olhar com que aqueles que nos deram a vida nos amaram e a viver com um coração grande e cheio de compaixão.

Ao aprendermos a cuidar do outro e de tudo o que nos rodeia, aproximamo-nos do segredo de uma vida bem-sucedida e podemos celebrar a cada momento a nossa humanidade e a alegria irreprimível de estarmos vivos. **M**

São João Bosco, especialista da confiança



“Em cada jovem, mesmo nos mais miseráveis, há uma brecha acessível ao bem”. Esta convicção representa um dos aspetos essenciais da sua santidade: todo o jovem, mesmo em condições desesperadas, pode levantar-se e recomeçar, com a ajuda do Senhor.

Ainda criança, sentiu o apelo a um estilo de relacionamento baseado na bondade e na amabilidade. Muitas vezes lembrar-se-á de um sonho em que, estando com outros rapazes que riem, brincam e blasfemam, se lança contra eles para os calar com palavras e punhos, mas é travado por uma voz que lhe diz: “Serão teus amigos não com bofetadas, mas com mansidão e caridade”.

Este é um aspeto central do Sistema Preventivo que ele desenvolverá na educação dos jovens, a partir da experiência concreta vivida no encontro com os rapazes da sociedade de Turim. Estamos em meados de 1800 e o jovem D. Bosco, juntamente com D. Cafasso, decide ir aos bairros degradados e às prisões para encontrar os rapazes, especialmente os rejeitados da sociedade. Estabelece com eles uma relação, defende-os dos abusos sofridos (especialmente a exploração do trabalho infantil) e inicia aquele que, em 1842, se tornou o Oratório Salesiano, dedicado a São Francisco de Sales.

Neste ambiente, cultiva-se a amizade entre os jovens começando pela conquista da sua confiança, promovendo a sua autoestima e colocando-os em contacto com o desejo de Deus que cada um tem no seu íntimo. Para isso é necessário um guia espiritual, uma referência que acompanhe no caminho de crescimento e descoberta dos talentos presentes em cada um, algo que era particularmente querido ao santo piemontês, padroeiro dos educadores.

Maximiliano Patassini

Isolados
morremos,
amados
vivemos.



O santo dos objetos perdidos

A ligação de Santo António com os objetos perdidos é já antiga e é um dos muitos padroados que Santo António foi herdando ao longo dos séculos.

Outros santos eram também evocados para esta proteção, como por exemplo, São Longuinhos, São Pascoal, Santo Espiridião, São Cipriano, São Rosendo ou mesmo São Vicente, mas Santo António irá destacar-se e popularizar este atributo.

Em 1557, Marcos de Lisboa no seu livro *Crónica dos Frades Menores*, apresenta inúmeros relatos da intercessão de Santo António na recuperação de objetos perdidos, tanto em Portugal como em Espanha e Itália, entre os quais Santo António se serviu de pescadores e de peixes para recuperar anéis.



No nártex da igreja de Santo António do Estoril, o painel de azulejos do lado direito ilustra a recuperação do anel de ouro que um nobre de Taranto (Itália) tinha perdido quando passeava de barco com alguns amigos. Sendo devoto de Santo António, foi ao convento franciscano contar a sua infelicidade e os frades aconselharam-no a que rezasse a Santo António; por seu lado, os frades iriam rezar uma missa. Durante a missa, o nobre foi ao mercado comprar um grande peixe que enviou para o convento, a título de agradecimento. Assim que o cozinheiro abriu o ventre do peixe, encontrou o anel perdido.

Em Lisboa, por alvará régio de 21 de junho de 1628, foi determinado que todos os papéis perdidos e encontrados pela cidade fossem entregues na igreja de Santo António “por ser sancto que descobria as cousas perdidas” (Arquivo Histórico de Lisboa, *Livro 1º de Filipe III*, f. 121 e 121v).

Mas um dos mais curiosos testemunhos é relatado na *Crónica Seráfica da Santa Província dos Algarves*, de 1750, que conta que, em 1376, no convento de São Francisco de Évora, os ossos dos fundadores foram escondidos atrás de uma parede da capela de Santo António para que não fossem roubados. Com o passar dos anos perdeu-se a memória do local onde estariam estas relíquias, pelo que, em 1629, os frades “recorreram à piedosa intercessão de Santo António, para que, como advogado das coisas perdidas, lhes deparasse a perda que sentiam.

Mandou o Guardião cantar uma Missa ao Santo, em 24 de abril, e antes que ela se acabasse, caiu por si a parede e na sua mesma ruína apareceram os ossos dos Veneráveis Fundadores”. Como agradecimento, ficou a tradição de se cantar a Santo António depois da missa conventual. **M**

MEMÓRIA
E
TRADIÇÃO

Pedro Teotónio
Pereira



Igreja de Santo
António do Estoril
*O milagre do anel
encontrado dentro
de um peixe.*
Oficina de Lisboa, c.
1750
© Nuno Gonçalves/
Museu de Lisboa –
Santo António

Traição e Perdão

Há perguntas que podem causar consternação, por serem de tal modo violentas e traiçoeiras. É o caso da pergunta que Judas faz aos príncipes dos sacerdotes do Templo: “Quanto me dais se eu vos entregar Jesus?” (Mt 26,15).

Santo António parece ficar literalmente atingido por esta pergunta, ao ponto de subitamente exclamar: “Que horror!” Porque, na verdade, sente-se um verdadeiro horror quando é traída e negociada uma das dimensões mais sagradas das relações humanas: a amizade.

A relação que Jesus tinha estabelecido com os seus discípulos – e, portanto, também com Judas – foi marcada por uma grande confiança, paciência e benevolência: atitudes de valor inestimável!

E o nosso Santo atinge logo o alvo, quando pergunta o que é possível dar em troca de um tesouro tão imenso como aquele que nos foi dado por Jesus com a sua amizade que salva. Absolutamente nada!

Temos de reconhecer que o que Judas fez não é algo que pertence apenas ao passado e que só a ele diz respeito. Também nós podemos fazer a mesma experiência, sentir todo o peso da nossa miséria e fragilidade, escolhendo caminhos fáceis, formas de traição ao amor, procurando sozinhos a “salvação” por meio de comportamentos que, no final, desvalorizam o outro e o humilham. Quando procuramos a salvação através do domínio, nos jogos de poder ou no endeusamento de nós mesmos, inevitavelmente alguém fica a perder, alguém fica injustamente mais pobre, alguém é humilhado. Torna-se importante olhar para Judas e reconhecer na sua traição todas as nossas falsidades.

No entanto, nas palavras de António, quando nos distanciamos da amizade do Senhor, temos uma preciosa ajuda para reencontrarmos o caminho: basta “purificar o coração e enchê-lo de piedade”. Um ponto de partida seguro parece ser precisamente este: manter viva a memória de quanto Jesus nos ama, de quanto fez e continua a fazer por nós.



**Que horror! Ajusta-se um preço aquilo que não tem preço!
Oh, quantos Judas Iscariotes, ainda hoje, vendem a verdade
em troca de alguma vantagem temporal,
entregam o próximo com o ósculo da adulação
e desta forma acabam por se enforcar no laço da condenação eterna!.**

Sermões, de Santo António, Domingo da Quinquagésima

Este estilo incomparável do Senhor, de auto entrega absoluta, deve ser saboreado com o coração, experimentado em profundidade. Há que manter viva a sua memória, geradora de uma amizade sincera.

Depois das nossas traições, voltemos para o Senhor, pedindo-lhe misericórdia. Judas não fez isso, pois enforcou-se no laço da sua solidão, em vez de voltar à fonte luminosa da ternura de Deus.

Tantas e tantas vezes, ao longo da nossa vida, seremos chamados a esta estratégia de salvação: recomeçar de novo a partir daquele que só tem uma palavra a dizer-nos: a do seu perdão sem limites. 

*O beijo de Judas,
Giotto di Bondone (1267-1337),
detalhe do ciclo dos
frescos **Vida e Paixão de Cristo**, 1303-
1305, Cappella degli
Scrovegni, Pádua,
Commons
Wikimedia.*



VEXILLA REGIS

Os estandartes do Rei

Eis que surgem os estandartes do Rei!
Brilha o mistério da Cruz,
pela qual Aquele que é a vida
sofreu a morte
e da mesma morte retirou a vida.

A Vida, ferida pela ponta cruel da lança,
para nos lavar das impurezas
deitou água e sangue.

Cumpriu-se o que cantou David
em seu fiel poema,
dizendo às nações:
"Deus reinou pelo madeiro".

Árvore brilhante e decorosa,
ornada com a púrpura do Rei,
eleita para tocar tão santos membros
com seu digno tronco.

Feliz aquela em cujos braços
pendeu o preço do mundo,
tornada balança do corpo,
resgatou as presas do inferno.

Ave, ó Cruz, única esperança!
Neste tempo da Paixão,
aumentai aos piedosos a graça
e destruí os crimes dos réus.

Que todo espírito louve a Ti, Trindade,
fonte de salvação: e àqueles
aos quais concedeis a vitória da Cruz,
dai-lhes também o prêmio da vida eterna.

Ámen.

